



### SÊNECA E AS ESCRITURAS: UMA COMPARAÇÃO A PARTIR DE “A BREVIDADE DA VIDA”

Seneca and Scriptures: a comparison from “The brevity of life”

Azarias Fragoso da Silva Neto\*



\* Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC).

**Contato:**  
zacafragoso@gmail.com

#### RESUMO:

O diálogo entre “Jerusalém e Atenas” continua tão relevante hoje quanto era na época de autores como Agostinho, Tomás de Aquino e Anselmo. Desta forma, o presente ensaio se propõe a relacionar o conceito de brevidade da vida em Sêneca com os ensinamentos das Escrituras. Tal relação esclarecerá tanto princípios mais complexos de epistemologia quanto questões mais práticas do dia a dia, como a administração do tempo e a luta contra a ansiedade.

**Palavras-chave:** Sêneca; Escrituras; Vida; Ansiedade.

#### ABSTRACT:

The dialogue between "Jerusalem and Athens" remains as relevant today as the time of authors like Augustine, Thomas Aquinas, and Anselm. Thus, the present essay proposes to relate the concept of Seneca, about a brevity of life to the teachings of Scripture. Adding up to Biblical Theology, this philosopher will produce a discussion that, being so rich, will scrutinize both the most complex principles of epistemology and the more practical issues of everyday life, such as time management and the struggle against anxiety.

**Keywords:** Seneca; Scriptures; Life; Anxiety.

## **CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES**

Ao longo da história da Igreja a filosofia tem influenciado grandemente alguns pensadores cristãos; por consequência, em determinados períodos tornou-se especialmente comum um diálogo entre tais tradições, como é o caso do escolasticismo na Idade Média. A relação de alguns filósofos com a teologia é mais conhecida, a exemplo de Platão, Aristóteles ou Kant. No entanto, há alguns pensadores que são menos lembrados neste diálogo, como é o caso de Sêneca a ser considerado neste ensaio.

Lúcio Anneo Sêneca foi um intelectual romano do início da Era Cristã, ligado à filosofia estoica. Além de filósofo era dramaturgo, escritor e político, chegando a ser conselheiro de Nero. Influenciado pelo estoicismo, o pensamento de Sêneca enfatizava medidas para enfrentar os problemas da vida e a necessidade de se encarar a mortalidade.

Sêneca, semelhante à maioria dos escritores do Novo Testamento, produziu boa parte de suas obras utilizando-se do gênero epistolar (BRAREN, 1999, p.39). Uma explicação para isto não é tão difícil: epístolas seguem o sabor de “reflexões do momento”, não seguem necessariamente uma ordenação global única, diversos assuntos são tratados topicamente a fim de instruir de modo pessoal e íntimo seu destinatário, o que causa uma aproximação maior do autor aos leitores; seu ensino toma um vigor diferente, tanto cheio de sentimentos quanto deveras pessoal e específico para seus leitores.

O presente ensaio pretende, antes de tudo, analisar um dos textos mais conhecidos do filósofo estoico: *Sobre a brevidade da vida*. A partir daí, será estabelecido um diálogo entre as principais ideias encontradas nesse texto e as doutrinas bíblicas. A referida obra é uma epístola de Sêneca dirigida a Paulino, na qual ele pretende demonstrar a necessidade do ócio contemplativo e reflexivo para o aproveitamento da vida humana.

## **1 – SÊNECA E A BREVIDADE DA VIDA**

### **1.1 – A vida não é o mesmo que tempo**

O senso comum entende por brevidade da vida o seguinte: “como seres humanos, somos frágeis, nossos anos passam rápido e nosso tempo aqui na terra é muito pouco”.

Este, porém, não é o entendimento compartilhado por Sêneca. Logo no início de sua obra, o filósofo romano afirma: “Não temos necessariamente uma vida curta [...] mas fazemos com que seja assim” (SÊNECA, 2013, p. 26). Para ele, a vida em si mesma não é breve e pode ser longa, se for bem aproveitada. Como podemos perceber, para o filósofo estoico, o conceito a durabilidade da vida não é o mesmo que tempo decorrido, mas a qualidade com a qual este tempo foi aproveitado.

A vida se torna breve quando os homens esquecem de viver de fato, pois viver, para Sêneca não é o mesmo que existir. De modo específico, o que impede os homens de viverem são suas paixões desordenadas, ganância, guerras, invejas e ansiedade. Impedem de viver, pois os afastam da verdade. Em suas próprias palavras, “os vícios sufocam os homens e andam à sua volta, não lhes permitindo levantar nem erguer os olhos para distinguir a verdade” (SÊNECA, 2013, p. 28). Esta verdade é alcançada mediante à reflexão, portanto, como os vícios atrapalham esse processo, fazem com que os homens existam, mas não vivam, criando assim uma vida breve. Além de afastar os homens da verdade, os vícios os afastam da tranquilidade do espírito e sem ela o que temos também não é vida, já que para ele “vida é o que vivemos, todo o restante é tempo”.

No capítulo três de sua obra, Sêneca critica o fato de que os homens zelam por seus bens financeiros, porém são tolos no zelo pelo bem que é mais precioso que os bens rentáveis, o próprio tempo. Com efeito, o tempo de tais homens é tirado por amantes, poder, clientes, brigas conjugais, idas e vindas pela cidade e a ansiedade. Estas coisas impedem o homem de gastar seu tempo consigo mesmo e de possuir um espírito tranquilo. O tempo é desperdiçado com estas coisas, impedindo o homem de se dedicar à meditação, como Sêneca parece indicar neste trecho: “Não te envergonhas de destinar para ti somente resquícios da vida e reservar para a meditação apenas a idade que já não é produtiva”? (SÊNECA, 2013, p. 32).

## **1.2 – O homem ocupado não vive**

Sêneca critica aqueles que nunca estão disponíveis para nada, senão para o vinho e para os prazeres da carne. Há outros que se entregam a guerras, enfim, para ele o homem ocupado não pode fazer nada de bom. Na sua ponderação: “Nada está mais longe do homem ocupado do que viver, nenhuma coisa é mais difícil de aprender”. Estes homens não sabem viver e também não sabem morrer. Vale lembrar que o pensamento de Sêneca,

influenciado pela escola estoica, está preocupado e ensinar o modo adequado de encarar a morte. Esta escola torna a própria filosofia uma espécie de preparação para a morte.

Ao contrário dos homens ocupados, existem os grandes homens. Estes não deixam que tirem nada do seu tempo, logo sua vida é considerada longa, já que seu tempo é bem aproveitado. Tais homens aproveitam o tempo apenas consigo mesmos. Um homem assim, diz Sêneca (2013) “não deseja, nem teme o amanhã”, sabe aproveitar o presente e viver. Já os homens ocupados são tomados pela ansiedade, o espírito não é tranquilo e sofrem de ânsia do futuro e tédio do presente. Fazem projetos para longo tempo, mas esse adiamento se torna prejudicial, pois tira deles o dia a dia, rouba o presente e prejudica também o futuro. Neste sentido, o filósofo romano continua. “A expectativa é o maior impedimento para viver: leva-nos para o amanhã e faz com que se perca o presente” (SÊNECA, 2013, p. 46). Além de perder o presente e o futuro, perdem também o passado, pois não tendo tempo para refletir se esquecem das lições que poderiam ser tiradas de suas experiências.

Os homens ocupados são tolos, pois perdem o tempo se enganando com prazeres, mas quando a morte chega mostram sua fragilidade, se desesperam porque sabem que desperdiçaram sua vida, ao contrário, os sábios que aproveitaram seu passado através da reflexão, vivem o presente e se preparam para o futuro, que é a morte; quando se deparam com ela não se desesperam, pois entendem que sua vida não foi breve, mas o suficiente. Irão tranquilos para a morte já que aproveitaram cada instante da vida.

### **1.3 – O viver autêntico está ligado ao ócio**

A prática de aproveitar a vida está ligada, segundo Sêneca, ao ócio. O ócio, contudo, não deve ser confundido com preguiça. Nas palavras de Sêneca (2013, p.64), “dentre todos, somente são ociosos os que estão livres para a sabedoria”. Essa sabedoria encontrada nos filósofos, conduz os homens das trevas para a luz. Ela ensinará o homem a morrer e acrescentará à sua vida os seus anos. Os filósofos conferem sabedoria e por sabedoria vida a todos os que se dedicam não unicamente à leitura de seus escritos, mas também à reflexão de seus conceitos.

Por fim, Sêneca instrui a Paulino a não se afeiçoar da preguiça ou da inércia, mas dos verdadeiros ofícios. Nos termos do filósofo, desfrutar da intimidade de Zenão,

Pitágoras, Aristóteles e outros mestres da boa arte. Esses ofícios, nas palavras de Sêneca (p.80), “revelarão a natureza de Deus, seu prazer, sua condição, sua forma [...] irão te indicar o destino reservado à tua alma”. Para ele, a sabedoria dos filósofos e do ócio contemplativo levava a um certo conhecimento divino. Nesta prática, seria encontrada a virtude, o esquecimento das paixões, a arte de viver e de morrer, uma calma inalterável.

Para concluir, a vida é breve quando se desperdiça o tempo com paixões e vícios que impedem o homem de contemplar e buscar a verdade, deixando seu espírito inquieto, escravizando-o à expectativa ansiosa do futuro. Esta inquietude, rouba o presente do homem, fazendo-o apenas existir e tornando-o incapaz de encontrar a morte com tranquilidade. Já o sábio, através da filosofia e do ócio, não tem uma vida breve, mas longa e suficiente, não pelos anos que existiu, mas pela qualidade dos anos aproveitados; com ele, quando algo se perde no passado, recupera com a memória, se está no agora ele desfruta, se algo há de vir com o futuro, ele espera, pois está pronto para a morte. Segundo Sêneca (2013, p. 67), “a união de todos os tempos em um só momento faz com que sua vida seja longa”.

## **2 – RELAÇÃO COM O ENSINO DAS ESCRITURAS**

### **2.1 – A ansiedade e a provisão divina (Mt. 6:25-34)**

No capítulo seis do Evangelho de Mateus, por ocasião do Sermão do Monte, Jesus discorre com os seus discípulos sobre a ansiedade por conta das preocupações e das necessidades básicas que todos os homens necessitam para viver. Três necessidades são mencionadas: comida, bebida e vestes. A ordem de Jesus é que os discípulos não devem ficar ansiosos. Ao primeiro olhar, percebe-se um acordo entre a doutrina bíblica e as ideias de Sêneca em *A brevidade da vida*. Porém, como veremos a seguir, existe uma diferença fundamental entre as duas concepções.

Sêneca diz que a ansiedade rouba o presente e impede o homem de buscar a sabedoria, portanto esse é o motivo para não ficar ansioso; contudo, esta explicação não resolve todos os problemas. Como alguém buscará a sabedoria através do ócio, preocupado com um familiar doente, sem saber se este conseguirá um remédio a tempo? Ou como ter um espírito tranquilo sabendo que talvez não terá nenhum alimento? A explicação de Sêneca apesar de interessante talvez não possa ser aplicada a casos

extremos: Como um marido ao ter sua esposa morrendo de câncer pode de maneira prática recorrer ao ócio e à sabedoria para o alívio do sofrimento? A ansiedade se torna quase imediata nestes casos e o conceito do filósofo encontra uma grande dificuldade para ser praticado.

Neste ponto o ensino bíblico parece ir de modo mais direto e eficaz ao cerne do problema. Em seu discurso, Jesus usa alguns exemplos da natureza para fortalecer seu argumento. Deus proverá o necessário para seus filhos, logo não há motivos à ansiedade. Ele diz, por exemplo, que as aves do céu não colhem, nem ajuntam em celeiros, mas Deus as sustenta. A implicação é que se Deus sustenta estes animais porque não iria sustentar também os seus filhos? A certeza da provisão divina deve levá-los não apenas a ficarem tranquilos, mas a buscarem em primeiro lugar o Reino de Deus. Diferente de Sêneca, o ensino bíblico aponta para um fundamento transcendente de superação da ansiedade.

Sêneca, como vimos, dá a motivação para buscarmos a sabedoria, enquanto nossas necessidades não serão supridas. Jesus, ao contrário, motiva os discípulos a buscarem antes de tudo e, nesta busca, eles experimentarão o suprimento de suas necessidades serão supridas. Esta verdade, desde que o discípulo creia nela, deixará o seu espírito tranquilo mesmo diante das maiores adversidades, como a doença, a escassez e o sofrimento. O ensino bíblico não apenas vê a beleza e a racionalidade do pensamento, mas ressalta o valor de colocarmos a nossa confiança em Deus.

Outra passagem bíblica que embora não se proponha a falar sobre a ansiedade, traz contribuições a este assunto é Romanos 8.28. Ao falar sobre o amor de Deus e a sua Eleição, Paulo reproduz a seguinte verdade nesta passagem: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus...”. O ensino bíblico dá a entender que mesmo as adversidades, onde algumas necessidades básicas possam não ser supridas, estarão contribuindo para o bem dos que amam a Deus, dos que buscam o seu reino. Esta verdade contribui para o ensino anteriormente citado.

É evidente, então, que tanto Sêneca quanto o ensino bíblico concordam em ver a ansiedade como nociva, a discordância surge nos meios empregados para combatê-la. O filósofo estoico parece apontar como solução a busca da sabedoria, um fundamento imanente, portanto. Algo que se mostra ineficaz em algumas situações já que a ansiedade parece estar associada a um déficit muito mais abrangente do homem. Neste sentido, o

ensino bíblico, ao postular um fundamento transcendente se apresenta mais eficaz e abrange um número mais amplo de situações-limite.

## **2.2 – Epistemologia bíblica**

Em relação ao conhecimento e a busca dele, Sêneca diz que os filósofos tiram os homens das trevas e os levam para a luz. A sabedoria destes somada a uma vida de ócio era capaz de fazer alguém viver de verdade. Por esta razão, o conhecimento filosófico não só deve ser o alvo do ser humano, como a base para a sua própria vida.

As Escrituras reproduzem uma visão diferente de sabedoria e como ela deve ser alcançada. Escrevendo a um contexto grego o apóstolo Paulo diz que a sabedoria humana é loucura diante de Deus (1 Co 3.9), os gregos que buscaram a sabedoria (1 Co 1.22) não conseguiram encontrar a vida, que segundo as Escrituras é Deus que dá (Jo 3.16). Aqueles que estão buscando a sabedoria humana em detrimento da sabedoria de Deus são chamados, por Paulo, como “os que se perdem”, ou seja, morrem; no entanto, vale lembrar que a fé cristã não combate todo tipo de sabedoria humana, e sim, aquela que crê salvar o homem à parte de Deus ou de prover tudo o que é necessário para a vida por si mesma. A sabedoria humana que se apresenta como uma resposta às inquietações últimas do ser humano.

Sêneca acerta quando diz que a sabedoria traz vida, mas erra quanto ao que chama de sabedoria. A verdadeira sabedoria não é encontrada nos filósofos, segundo as Escrituras, mas é dada por Deus e revelada “em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria...” (1 Co 1.30). É neste sentido que o pensador cristão Blaise Pascal afirmará que “todo conhecimento sem Cristo é inútil”.

Além de divergir quanto ao que é sabedoria, as Escrituras também divergem do filósofo estoico quanto ao método pelo qual se deve buscá-la. Enquanto Sêneca a coloca como resultado de uma busca humana através do ócio, a Bíblia, mesmo não excluindo a responsabilidade humana de buscar o conhecimento de Deus, dá ênfase na ação do próprio Deus de revelar sua sabedoria. No mesmo contexto das passagens anteriormente citadas, Paulo diz que as coisas que Deus preparou para os seus filhos não foram vistas, ouvidas ou muito menos pensadas pelos homens em geral, porém “Deus no-lo revelou pelo Espírito”; outra passagem também testifica que é o Espírito que ilumina a mente do homem para que ele possa compreender a verdade (Ef 1.18). O que Sêneca atribui ao ócio

contemplativo, as Escrituras dão maior ênfase à ação divina de revelar sabedoria aos seus filhos através do Espírito Santo. Nesta busca o homem não é independente ou suficiente, mas necessita do começo ao fim da graça divina, um conceito claramente ignorado por Sêneca.

### **2.3 – A loucura da avareza (Lc. 12:13-21)**

Uma das maiores críticas de Sêneca aplica-se ao homem que trabalha demasiadamente, que se preocupa com os bens financeiros, mas se esquece de viver, passando apenas a existir. Uma crítica parecida se encontra nos ensinamentos de Jesus. Em Lucas 12, Cristo adverte que “a vida de um homem não consiste na abundância de bens que ele possui” (v.15), o que fica claro é que Jesus, como Sêneca, critica a avareza, mas como adiante será mostrado, a motivação dos dois é bastante diferente.

Continuando seu ensino, Jesus conta a parábola de um homem que acumulou muitos bens e pretendia aproveitar dos prazeres que lhe estavam disponíveis, quando Deus lhe diz: “Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será”? Como sabemos, Cristo conclui que esta é a triste realidade daquele que entesoura para si mesmo mas não é rico para com Deus. O que Jesus tem em mente é a realidade eterna da alma humana. Longe de Deus ela irá perecer (Mt 18.9). Em relação a tal realidade é inútil se preparar para esta vida sem se preparar para a existência após ela, a eternidade. Aqueles que gastam seu tempo acumulando tesouros na terra, sem tê-los no céu são chamados de loucos e o ponto aqui não é o que diz Sêneca, que são tolos porque não se mantiveram em ócio buscando a sabedoria filosófica. Tais homens são loucos porque desprezaram o conhecimento de Deus, desprezaram a sabedoria divina e rejeitaram a salvação oferecida pelo Cristo (Lc 19.10).

Para resumir, enquanto Sêneca critica a avareza porque ela afasta o homem da busca da sabedoria, fazendo com que a preocupação futura estrague seu presente, Jesus reconhece que é necessário um tipo de preocupação em relação ao futuro, onde o homem, caso despreze a Deus no presente irá perder sua vida futura. Sêneca, claramente, se detém na esfera da temporalidade, da finitude, Jesus, por sua vez dirige a atenção dos seus ouvintes para a eternidade. Assim, viver para Sêneca é ser sábio, viver para Jesus é ser rico para com Deus.

### **3.4 – A meditação das Escrituras (Sl. 1)**

Sêneca enfatiza a necessidade de meditação e reflexão mediante a um ócio filosófico, mas o conceito de meditação também é encontrado nas Escrituras, como é o exemplo do primeiro Salmo: “Bem-aventurado o homem [cujo] prazer está na lei do Senhor e na sua lei medita de dia e de noite”. Com efeito, o objeto de reflexão não é o ensino dos filósofos, como Sêneca defenderia, mas a revelação bíblica chamada de Lei do Senhor.

A lei divina dada no Antigo Testamento servia para conduzir o povo em santidade e em adoração a Deus, seu conteúdo é reverenciado como uma fonte de bênçãos para o povo: “A lei do Senhor é perfeita [...] é fiel e da sabedoria aos simplices ”(Sl 19). Tal lei restaurava a alma, alegrava o coração e iluminava os olhos (Sl 19). Curiosamente, estes três aspectos são referidos por Sêneca aplicado a algo totalmente diferente. Para ele, seria o pensamento dos filósofos que restaurava a alma em seus objetivos corretos na vida, que tranquilizava o espírito (ou alegrava o coração, traduzindo para termos judaicos) e iluminava os olhos para a verdade. A diferença aqui é significativa. As mesmas qualidades são aplicadas a objetos de reflexão completamente diferentes e aqui retomamos a epistemologia. Para Sêneca, o conhecimento que trazia verdade e vida era a meditação através dos filósofos, para o salmista, aquilo que traz estes benefícios é a meditação diária na Lei do Senhor.

Além do objeto da meditação, as Escrituras não parecem incluir a meditação num ócio, o que fica claro ainda no Salmo 1 verso 3. De fato, elogiando o homem que medita na lei do Senhor, o autor canônico complementa: “tudo quanto fizer será bem sucedido”. Aquele que medita de dia e noite, não é o que fica inerte ou alheio às atividades humanas, não, é por meio desta meditação constante que suas atividades são guiadas e abençoadas. As escrituras motivam ao trabalho, inclusive manual, ao esforço e às atividades, como forma de gozar daquilo que Deus dá (Eclesiastes).

A própria cosmovisão bíblica valoriza o trabalho manual na criação. No Antigo Testamento Deus não é apresentado como um ocioso, mas como aquele que criou um jardim e que trabalha com suas mãos para a formação do homem; e este homem tem o dever de cultivar o jardim e de desenvolver as potencialidades da criação. Já o Novo Testamento traz que o Deus encarnado teve em sua humanidade uma profissão braçal e em seu ministério público muitas vezes ficava cansado por sua rotina de trabalho.

Apesar do ócio ter valor em determinadas ocasiões, é difícil pensar que um homem como Paulo, que entendia a gravidade da realidade dos homens sem Cristo e a necessidade da expansão do Evangelho para a glória de Deus, ficasse longos tempos em ócio, meditando e alheio aos problemas de milhares de almas perecendo. A cosmovisão bíblica motiva o trabalho manual e principalmente o trabalho no evangelismo: “o vosso trabalho no Senhor não é vão” (1 Co 15.58).

Fazendo justiça, Sêneca não defendia a preguiça ou a inércia, mas defendia longos tempos de ócio para meditar, ao contrário, uma meditação bíblica não precisa de um ócio tão extenso, inclui sim retiros para reflexão e oração, mas pode haver o ato de meditar enquanto há o trabalho para a glória de Deus. Portanto, a meditação não está presa ao ócio, é uma atividade constante, em meio a todas as atividades de um coração voltado para Deus.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim, apesar de haver certas semelhanças nas abordagens de alguns temas, há divergências importantes nas motivações por trás das conclusões de cada um dos lados do diálogo. Em relação à ansiedade, as Escrituras defendem que além de abrir mão da ansiedade para a busca do reino de Deus, essa busca irá trazer a provisão das necessidades básicas ou o cuidado de Deus mesmo quando estas não forem supridas, porém, Sêneca não fornece respostas para a provisão das necessidades básicas do ser humano.

Quanto à Epistemologia, Sêneca e o ensino bíblico concordam que a sabedoria traz vida, mas enquanto aquele entende a sabedoria como um esforço humano, as Escrituras postulam como revelação e graça divinas. Seja na meditação ou na avareza, as Escrituras divergem mais uma vez de Sêneca, pois não analisam a vida como algo apenas presente, mas contemplam a eternidade e tal eternidade, incluindo a morte eterna de homens, não libera os crentes para um ócio extenso, sendo que precisam trabalhar para a salvação de almas e à glória de Deus. Os cristãos podem até se beneficiar com a leitura deste filósofo, mas seguindo a Bíblia é necessário remir o seu pensamento à luz das verdades divinas.

Independente das aproximações e diferenças há uma utilidade para o cristianismo o estudo de Sêneca, suas profundas reflexões sobre o perigo da ansiedade reverberam

pelo menos em um sentido o cuidado que todo cristão deve ter; além disso sua habilidade em argumentação e lógica é um exemplo vivo do que o reflexo da imagem de Deus no homem ainda pode fazer.

**REFERÊNCIAS:**

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**: antigo e novo testamentos. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BRAREN, Ingeborg. Por que Sêneca escreveu epístolas? **Letras Clássicas** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da USP, São Paulo, n. 3, p. 39-44, 1999.

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Sobre a brevidade da vida**. Tradução de Lúcia Sá Rebello, Ellen Itanajara Neves Vranas e Gabriel Nocchi Macedo. São Paulo: L&PM, 2006.